

Cautela ante a prosperidade

18 OUT 1989

“Não é mais simplesmente um entusiasmo pelas compras, ou mesmo uma fúria: é loucura.” Leu-se isto não num jornal brasileiro, neste ano de 1989, mas num alemão, em abril de 1922, quando se iniciava na República de Weimar um processo de hiperinflação que chegaria ao clímax no ano seguinte. Cumpre assim recorrer à História, nesta quadra em que se verifica que a indústria brasileira está acusando, a cada mês, novos recordes de produção. Convém avaliar, portanto, e com cautela, os dados ora publicados.

Estamos, efetivamente diante de nítida tendência de progresso no setor. Sempre em relação ao mesmo mês do ano anterior, a produção industrial acusou aumentos de 4,4% em junho, de 7,2% em julho e de 7,8% em agosto. Os valores mensais podem dar a impressão de que nos defrontamos com uma explosão, o que também parecia aos analistas germânicos em 1922, aparentemente despercebidos de que, na realidade, a indústria do seu país estava apenas recobrando as perdas da Primeira Guerra Mundial e iniciando um processo de recuperação. No Brasil, estamos recuperando a má performance dos anos anteriores. Não se pode também esquecer que, ainda em julho, a produção industrial era inferior à registra-

da no mesmo período de 1988, ano em que a indústria acusara queda de 3,2% em relação a 1987. O resultado final deste ano traduziria certamente apenas uma recuperação das perdas de 1988. O que, no entanto, não significa que haja algo de malsão no crescimento averiado nos últimos meses.

E incontestável que a produção industrial reagiu no mesmo momento em que a taxa de inflação passou a emitir claros sinais de crescimento regular, senão explosivo. É uma constatação que merece destaque, embora não se possa estabelecer plena coincidência entre os dois fenômenos. Existe outro paradoxo: como na Alemanha de 1922, verifica-se um contraste entre a renda “produzida” e a renda “consumida”, isto é, uma atividade industrial que, aparentemente, não é acompanhada por um aumento paralelo dos rendimentos dos trabalhadores, pelo menos até julho.

O que nos leva a procurar explicações para esta aparente anomalia. Indubitavelmente, estamos diante de uma reação bem conhecida de procura de bens reais no quadro de uma inflação crescente. Se, apesar da existência de um sistema de escala móvel dos salários, registra-se para os assalariados uma defasagem entre a elevação dos rendimentos e a dos

preços, é possível que outros fatores estejam contribuindo para ampliar a demanda, elevação, que é, aliás, mais constante no caso da indústria do que no do comércio varejista. Em primeiro lugar, cumpre ponderar que o comércio está reconstituindo seus estoques apesar de um afrouxamento da demanda, à vista da pressão a ser exercida pelas vendas de Natal. Em segundo, tivemos uma redução da poupança mantida em cadernetas, o que mostra certa desconfiança do público quanto à veracidade dos seus rendimentos reais.

Parece-nos, entretanto, que a mudança atual decorre, essencialmente, de novo descompasso da distribuição de renda no País, em que os salários das classes mais baixas já não oferecem o mesmo peso aquisitivo do passado. São as rendas paralelas, essencialmente as resultantes de aplicações financeiras, que alimentam a demanda. Aliás, vêm sendo interpretadas como um suplemento de renda quando, muitas vezes, constituem apenas um sistema que permite manter o valor real do capital (com a ilusão de que o índice oficial representa a inflação do mês ...). Há outro tipo de transferência, também verificado no caso da Alemanha de 1922: os industriais e intermedia-

rios em geral apegam-se ao que se poderia chamar de “rendas inflacionistas”. Com o que têm conseguido, no quadro de uma demanda não facilmente acompanhada pela oferta, aumentar suas margens de lucros (operacionais ou financeiros). Numerosos industriais disso se aproveitaram para, através de autofinanciamentos, realizar investimentos mais de modernização do que de ampliação da capacidade produtiva. O que igualmente contribui para fortalecer a demanda, ante a exigência de contratação de novos serviços.

Todavia, conforme já tivemos oportunidade de dizer, tudo isso acontece por existir no País um excesso de liquidez não mensurável apenas pela expansão dos meios de pagamentos, mas também pela dos títulos públicos em mãos dos agentes econômicos e pela aceleração da velocidade da moeda, que é tão inflacionista quanto uma elevação da base monetária.

No caso de uma indústria que enfrenta, ao mesmo tempo, forte demanda e carência de insumos básicos, a prosperidade atual é perigosa. À Natureza não agradam os saltos, conforme nos ensinava velho preceito filosófico, que também se adapta à vida econômica.

ESTADO DE SÃO PAULO